



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA,
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

**CIDADES DA TECNOLOGIA DO CONHECIMENTO,
UM PENSAMENTO CRÍTICO SOBRE O TAGUSPARK E 22@BCN**

Júlio Patrício da Rosa

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador:

Prof. Doutor Arquiteto José Luís Possolo de Saldanha, Professor Auxiliar

Coorientador:

Prof. Doutor Pedro Costa, Professor Auxiliar

Outubro, 2013

Índice

Pag. 05 Preâmbulo

I - Trabalhos de Grupo

Pag.10 1º Workshop – A Mancha

Pag. 34 2º Workshop – Centro Interpretativo A milcar Cabral

Pag. 35 II - Projeto Individual

III - Vertente Teórica

Pag. 59 Agradecimentos

Pag. 62 1 – Contextualização, Parques de Ciência e Tecnologia

Pag. 64 1.1 – Dos Parques de Ciência e Tecnologia às Tecnopolis

Pag. 67 1.2 - Os Polos Tecnológicos como paradigma no planeamento e cidade

Pag. 70 2.1 - Taguspark, Parque de Ciência e Tecnologia da Área de Lisboa

Pag. 77 2.2 - O Taguspark, hoje e amanhã

Pag. 78 2.3 - O pensamento urbano vigente no Taguspark

Pag. 82 3.1 - 22@ El distrito de la innovación

Pag. 89 3.2 - Poblenu, ontem e hoje

Pag. 92 3.3 - O pensamento urbano vigente no plano 22@

Pag. 97 4 – Análise pessoal

Pag. 101 5 – Conclusão

Pag. 107 6 - Anexos

Pag. 109 6.1 - Memória descritiva do Núcleo Central do Taguspark,

Pag. 111 6.2 - Entrevista: Sra. Aurora Lopez Corduente, Directora de Urbanismo, plano 22@Barcelona

Pag. 125 6.3 - Bibliografia

Pag. 130 7 - Enunciados do Ano Letivo 2012/13

Preâmbulo

O admirável Mundo Novo, foi o tema escolhido como base temática para a disciplina de Projeto Final de Arquitetura do ISCTE-IUL ano letivo de 2012/13. No que diz respeito ao laboratório para a elaboração da dissertação, escolhi a vertente de Economia, que era orientado pelo Prof. Doutor Pedro Costa.

As aulas de Projeto Final de Arquitetura iniciaram com dois workshops, ao mesmo tempo, no Laboratório de Economia também escolhíamos e iniciávamos os nossos estudos de grupo, trabalhei o caso do Oeiras Park.

O primeiro Workshop chamou-se: “Marca, texto e espaço”. E consistiu em três fases distintas. De Início os alunos trabalharam na elaboração de um trabalho abstrato, no qual os grupos formados teriam de escolher um objeto do quotidiano (no caso do meu grupo usámos o pente) usando tinta-da-china, teríamos de chegar a uma marca ou mancha síntese, as técnicas usadas para a obtenção da mancha síntese eram livres. As outras duas fases ocorriam em paralelo. Depois de termos a mancha síntese tivemos de estabelecer uma narrativa que culminaria com a elaboração de um objeto com origem na mancha. Escolhemos um excerto de um livro escolhido por nós, que complementasse o objeto.

Como já referianteriormente, o meu grupo escolheu o pente como objeto, depois de termos a mancha escolhida foi usado um programa que tornou a imagem em pixéis. Atribuímos cores aos pixéis e a essas cores atribuímos medidas, mais tarde desconstruímos ainda mais essa imagem e usámos o resultado para concebermos o nosso objeto com barrotes de madeira com as dimensões que tínhamos atribuído anteriormente. No fim usamos um espelho por baixo do objeto criado, dando-nos uma noção diferente do espaço interior da nossa criação. O texto que usámos foi retirado do livro As Cidades Invisíveis de Italo Calvino, o texto relatava uma conversa entre Marco Polo e Kublai-khan.

No Laboratório de Economia, depois da formação dos grupos, escolhemos trabalhar no caso do Oeiras Park. De início estudámos uma parte mais geral, da história do local, o plano de pormenor. Depois dessa informação reunida fizemos uma apresentação dentro do Laboratório. Só depois dessa apresentação é que se iniciou a parte onde traçaríamos as áreas de influência do Oeiras Park, estudámos o quotidiano dos utilizadores do Parque e fizemos inquéritos, retirámos informação dos censos e estabelecemos as nossas conclusões que foram expostas ao público na nossa universidade.

O segundo Workshop, Cidade Guineense de Bafatá, inseriu-se na comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral. Foi-nos proposto realizarmos um centro de estudos pós-coloniais, que revelasse em si uma leitara sobre o contexto social e político que originou os movimentos de revolução, ao mesmo tempo também deveria revelar pensamentos mais contemporâneos relacionados com a independência da Guiné Bissau.

O meu grupo ao estudar a cidade de Bafatá reparou num percurso que passava por um vale e que ligava a cidade formal à cidade informal. A Guiné tem uma época de chuvas, e ao mesmo tempo é também um país onde a população é bastante pobre, e que quando precisam de se deslocar fazem-no na maior parte das vezes a pé. Pensámos em criar uma ponte que facilitasse a mobilidade das pessoas. Sendo que na parte superior existiria um passadiço e por baixo estaria o programa do centro de estudos. Fizemos com que um dos extremos da ponte ficasse perto da casa que pertenceu a Amílcar Cabral. A ponte teria de ser composta de materiais que pudessem ser encontrados facilmente no país e ao mesmo tempo que fossem baratos, por isso usaríamos paletes de transporte de mercadorias. O projeto tinha um carácter efémero, por isso seria possível levar o centro para outros locais do país se fosse necessário.

O tema I serviu para que adquiríssemos um maior conhecimento sobre as Amoreiras. Fizemos vários estudos, usámos fotografias e mapas antigos que nos permitiram perceber melhor a sua evolução. Aproveitamos também para ler planos relativos às Amoreiras.

No segundo tema deveríamos escolher as zonas onde gostaríamos de trabalhar para podermos começar a projetar as quatro habitações para o futuro (mais propriamente daqui a vinte anos). Escolhi a Zona 4, escolhi colocar as habitações em dois locais da Rua Silva Carvalho que estavam descaracterizados, um dos lotes tinha só uma fachada e o outro que estava ao abandono, porque o edifício que lá estava tinha sido demolido e encontrava-se apenas com um muro de zinco a separar o lote do passeio. Ao planear as habitações, apercebi-me que este último lote, que se encontra em frente à Travessa do Barbosa deveria servir ligação para o interior do terreno o qual, também sofreria uma requalificação.

Ao avaliarem os resultados da turma obtidos no âmbito do Tema I e II, os nossos professores acharam por bem que deveríamos repensar algumas premissas para que os trabalhos se tornassem mais sólidos. O Tema III tornou-se então num mecanismo aglutinador que

deveria reequilibrar os conceitos de grupo, estratégias de ocupação e intervenção no espaço urbano, tornando os conceitos mais uniformes.

Depois de termos planeado vários conceitos inerentes às áreas de intervenção, à situação da cidade e o futuro que a mesma tomara daqui a vinte anos. Decidimos que projetaríamos em espaços residuais, situações degradadas que se encontravam em cada um dos nossos lotes. As habitações seriam projetadas para “Squatters”. Penámos num conceito em que as voltariam a habitar dentro da cidade ficando mais próximas do seu trabalho ou escola. Evitando assim os movimentos pendulares casa trabalho. No que diz respeito ao habitar destas pessoas, ocupariam edifícios devolutos e requalificavam-nos ou então seria permitida a construção de baixo custo e sustentável. Só se poderia habitar em locais descaracterizados ou abandonados. Para que existisse alguma ordem, criaríamos a figura do arquiteto officioso, que seria responsável por aconselhar as pessoas. Esta figura também seria o elo de ligação do poder local com a população, porque seria ele que avaliaria os materiais para cada projeto. O poder local financiaria os materiais e as populações construiriam. O arquiteto officioso estaria responsável por evitar que houvesse uma anarquia na cidade.

Seriam criadas leis que facilitassem o arrendamento de baixo custo. No caso de haver um dono de um terreno ou casa vazia há mais de dois anos, teria de vender ou alugar a baixo custo ou ceder para ocupação. Seriam dadas vantagens fiscais (redução do IMI consoante reabilitação dos imóveis).

Criar-se-iam taxas progressivas caso o proprietário rejeitasse (taxas revertem para fundo municipal que será utilizado como investimento).

O tema IV, foi o último do ano letivo a ser lançado e tinha um carácter livre. Como o tema das minhas habitações não se conjuga com o tema da dissertação, optei por usar este exercício e fazer uma ponte entre o exercício das habitações e a minha vertente teórica. Desenhei um edifício com valências que se inserem no tema da minha dissertação. “Cidades da Tecnologia e do Conhecimento - Um pensamento crítico sobre o TagusPark e 22@BCN”. Ao estudar o caso 22@BCN, deparei-me com a existência de alguns projetos sociais interessantes.

Projetei um edifício público para ocupação de tempos livres das pessoas que habitam na Rua Silva Carvalho ou nas proximidades. Pretendia criar um espaço aglutinador e que envolvesse todo o tipo de pessoas do bairro. Pretendia que as pessoas que trabalhassem nos escritórios das Amoreiras, ou mesmo as que já se reformaram, e que têm algum

do seu tempo disponível para voluntariado, pudessem exercer tal tarefa no espaço que projetei para ocupação de tempos livres. As pessoas poderiam ajudar de várias formas, quer fosse a ajudar idosos a ler ou a usar as novas tecnologias, ou mesmo a ler histórias , ajudar os mais novos com os trabalhos de casa. Um espaço onde a aprendizagem andasse de mãos dadas com o voluntariado.

Desenhei o edifício em frente a uma praça que serve de ponto de ligação a vários pontos, pretendo que se venha a tornar um espaço de charneira e um ponto de referência para os moradores da zona. O centro fica adjacente a um auditório exterior que também serve de passagem subterrânea que liga a praça ao Centro Comercial das Amoreiras e serve de entrada para a futura estação de metro das Amoreiras. Ao integrar este edifício público perto das habitações, crio uma serie de momentos que se vão complementando uns aos outros. O centro complementa a praça, que por sua vez é complementada pelos percursos, pelo auditório e pela passagem subterrânea, sendo que a praça e os percursos complementam as habitações.

